



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

TERRITÓRIO DA LUTA, TERRITÓRIO DA VIDA: A RELAÇÃO COM A TERRA E A REPRODUÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO DO PROJETO CASULO EM VITÓRIA DA CONQUISTA/BA

Aline Farias Fialho*
(UESB)

Janio Roberto Diniz dos Santos**
(UESB)

Suzane Tosta Souza---
(UESB)

RESUMO

A história da reprodução camponesa está marcada pela luta que esses sujeitos tem travado pela entrada e permanência em seus territórios de reprodução da vida. A terra para a classe camponesa possui significado diferenciado, uma vez que a mesma é utilizada como valor de uso, meio pelo qual esses sujeitos realizam seu trabalho objetivando a sobrevivência da família. A relação que o campesinato possui com a terra é produto de uma série de valores morais e organizacionais específicas próprias desses sujeitos, onde terra, trabalho e família são os principais fundamentos de sua reprodução social.

PALAVRAS-CHAVE: Reprodução camponesa. Terra. Valores camponeses.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a relação que o campesinato, em especial os camponeses residentes no Assentamento do Projeto

*Pós-graduanda da Especialização de Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculada ao grupo de pesquisa: Trabalho, mobilidade do trabalho e relação campo-cidade. E-mail: alineffialho@yahoo.com.br.

**Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculado ao grupo de pesquisa: Trabalho, mobilidade do trabalho e relação campo-cidade. E-mail: jandiniz@yahoo.com.br.

---Professora Doutora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculado ao grupo de pesquisa: Trabalho, mobilidade do trabalho e relação campo-cidade. E-mail: suzanetosta@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Casulo de Vitória da Conquista/BA, estabelecem com o seus territórios de reprodução da vida: a terra.

A relação que o camponês possui com a terra é expressa na finalidade que a mesma apresenta para esses sujeitos. A terra para a classe camponesa significa terra para trabalho, onde o objetivo principal é a subsistência da família.

Apesar das mudanças que o campesinato tem apresentado, sobretudo após a intensificação das mudanças no campo brasileiro, a terra ainda ocupa um dos papéis centrais na reprodução da vida desses camponeses e é um dos elementos que os definem.

A relação entre camponês e terra é temática amplamente discutida na ciência geográfica. Isso porque as formas de luta pela terra e permanência na mesma exercida por esses sujeitos é uma das questões principais para se definir o campesinato enquanto classe social que se reproduz nas contradições do capitalismo.

Para se compreender o papel que a unidade produtiva representa para o campesinato, se faz necessário entender alguns aspectos centrais da reprodução da vida desses sujeitos.

Conforme aponta Oliveira (2007), a questão do campesinato, e de como esses sujeitos tem se reproduzido após a generalização das relações capitalistas no campo, impulsionaram inúmeros debates de como o processo de industrialização redefine as relações nesse espaço. São muitas as abordagens que procuram entender o espaço agrário, após a difusão de tais dinâmicas.

A análise admitida nesse trabalho é baseada na leitura do campesinato como classe da sociedade capitalista. Isso implica dizer que os camponeses se reproduzem dentro das contradições do capitalismo, de forma que essa classe vem se recriando e se reconfigurando, frente às diferentes investidas do capital que são concretizadas também pela expulsão desses camponeses de suas terras.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A leitura do campesinato como classe da sociedade capitalista entende que o camponês, na verdade, não é um resquício feudal, nem está em vias de extinção. Também não considera que tais sujeitos são uma classe de fora do capitalismo, fadada a proletarização. O camponês, nessa corrente de interpretação, é entendido como uma classe de dentro do modo capitalista de produção, recriada nas contradições desse sistema.

Os camponeses assim entendidos pela corrente já referida lutam pela terra e pela sua permanência na mesma. São sujeitos que, mesmo quando expropriados retornam para terra:

O campesinato deve, pois, ser entendido como classe social que ele é. Deve ser estudado como um trabalhador criado pela expansão capitalista, um trabalhador que quer entrar na terra. O camponês deve ser visto como um trabalhador que, mesmo expulso da terra, com frequência a ela retorna, ainda que para isso tenha que (e)migrar. Dessa forma, ele retorna à terra mesmo que distante de sua região de origem. É por isso que boa parte da história do campesinato sob o capitalismo é uma história de (e)migrações (OLIVEIRA, 1986, p. 11).

O campesinato apresenta uma ligação solidificada com a terra. Mesmo quando esses camponeses são expulsos de suas propriedades e se transformam em desempregados e/ou trabalhadores precarizados tanto no campo quanto na cidade, eles ainda mantêm vínculos com a terra, não apresentando uma ruptura definitiva com a mesma:

O camponês brasileiro é um migrante e sua expropriação não tem representado uma ruptura total de seus vínculos com a terra. A maioria deles mantém alguma relação com o campo, seja ela mais próxima ou mais distante – relação direta de trabalho, vínculos familiares, relação de origem etc. (MARQUES, 2008, p. 65).

A relação que os camponeses têm com suas terras é produto de um conjunto de valores morais e organizacionais que difere da ordem social



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

capitalista. A terra, a família e o trabalho são o fundamento do seu modo de vida tendo como princípio a honra, a hierarquia e a reciprocidade (MARQUES, 2008).

Para o camponês, a terra significa possibilidade de realização do seu trabalho. É no cultivo da terra que a família camponesa retira o seu sustento. Dessa forma, a finalidade do território camponês não é a extração da renda ou lucro, e sim a garantia da reprodução da vida:

A propriedade familiar não é propriedade de quem explora o trabalho de outrem; é propriedade direta de instrumentos de trabalho por parte de quem trabalha. Não é propriedade capitalista; é propriedade do trabalhador. Seus resultados sociais são completamente distintos, porque nesse caso a produção e reprodução das condições de vida dos trabalhadores não é regulada pela necessidade de lucro do capital, porque não se trata de capital no sentido capitalista da palavra. O trabalhador e lavrador não recebe lucro. Os seus ganhos são ganhos do seu trabalho e do trabalho de sua família e não ganhos de capital, exatamente porque esses ganhos não provêm da exploração de um capitalista sobre um trabalhador expropriado dos instrumentos de trabalho (MARTINS, 1982, p. 59).

Os conceitos de terra de trabalho e terra de negócio trabalhados por Martins (1982) estão materializados no espaço agrário brasileiro como um todo, e são fundamentais para o entendimento da diferença entre valor de uso e valor de troca. O campesinato utiliza terra como valor de uso, extrapolando assim a relação imposta pelo capital baseada na exploração do trabalho e separação dos meios de produção.

Para esses sujeitos, a família também ocupa papel central na constituição do seu modo de vida, bem como na organização da produção (MARQUES, 2008). A família, portanto, é um importante fundamento do modo de vida camponês que também está relacionada com a utilização da terra:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Uma família campezina pode ser caracterizada por uma integração quase total da vida familiar e sua atividade agrícola. A família contribui com a força de trabalho e esta se ligam a toda produção dos bens de consumo básicos da família. A maior parte das famílias campezinas podem ser definidas como “empresas de consumidores-trabalhadores”, cujo objetivo é a necessidade de consumo da família, com escasso ou nenhum uso de trabalho assalariado (SOUZA, 2008, p. 161).

A maneira de utilizar somente força de trabalho familiar para lavrar a terra é um fator que difere a propriedade do camponês da propriedade capitalista da terra, que tem como um dos principais fundamentos a exploração do trabalho para extração da mais-valia ou da renda da terra.

Percebe-se então que o campesinato apresenta um conjunto de valores morais e organizacionais diferenciados, dos quais a terra a família e o trabalho se relacionam intrinsecamente, e se encontram fundamentados em uma lógica específica que os definem.

Os assentados do Projeto Casulo apresentam em sua trajetória de reprodução da vida as marcas e conflitos que caracterizam a reprodução campezina. Nesse território, a relação que esses sujeitos mantêm com a terra durante o período que residem no assentamento e também durante a mobilidade que os mesmos realizaram materializa a importância que a terra tem para o modo de vida do campesinato.

Conforme discutido no subtítulo acima, a reprodução campezina apresenta especificidades morais e organizacionais diferenciadas. Os valores e visão de mundo da classe campezina refletem diretamente a forma como tais sujeitos se vinculam a terra. Os padrões de relação social desses sujeitos são distintos (SHANIN, 2005) e em sua maioria, conflitam diretamente com os princípios ideologicamente difundidos pela classe dominante na presente sociedade classista.

O valor e a importância da terra é uma dessas características que fundamentam o modo de vida dos campezinos e de suas famílias. Durante



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

pesquisa realizada em campo, questionou-se aos assentados o que significa a terra para os mesmos. De acordo com uma das camponesas entrevistadas, a mesma declara:

A terra aqui é a minha vida. Eu não sei viver fora daqui. Eu vou pra rua com minha mãe, passo dois dias, fico doente. Volto pra terra, fico boa (Depoimento de camponesa residente no Assentamento do Projeto Casulo, Vitória da Conquista/BA).

A importância que a terra representa para esses assentados é evidente. De acordo com a declaração acima, a terra para a mesma significa vida. Mais do que uma propriedade ou uma mercadoria, cuja finalidade e obtenção de lucro, o assentamento para camponês é possibilidade de realização da vida:

Não é somente o lugar da *produção*, mas também o lugar da *realização da vida*. [...] E a vida, para esses camponeses, como se verifica em seus relatos, não é somente ter comida, ter casa, mas uma vida plena, uma vida cheia de significados, na qual aquilo que eles crêem tem possibilidade de continuar sendo respeitado e existindo (SIMONETTI apud MARQUES, 2008, p. 66).

A relação que esses sujeitos apresentam com a terra é permeada de significados culturais, morais e simbólicos. Estar na terra, portanto, significa ter autonomia para viver de acordo com todo o seu universo simbólico.

Dentro da perspectiva apresentada acerca da definição do camponês enquanto classe social que se reproduz no modo de produção capitalista dotado de um modo de vida diferenciado, compreende-se que os sujeitos residentes no Assentamento do Projeto Casulo possuem um perfil diferenciado e extremamente diversificado.

Alguns são itinerantes, camponeses que se movimentaram entre o campo e a cidade em busca de condições melhores de vida. Outros, que viviam na periferia urbana de Vitória da Conquista/BA, foram assentados no Casulo e são produtos de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

um processo denominado recriação campesina. (MARQUES, 2008). No entanto, mesmo com esse quadro diversificado, esses sujeitos manifestam durante toda a sua trajetória de vida uma ligação com a terra.

No Assentamento Projeto Casulo, as questões apontadas por Oliveira (2007; 2001) em suas pesquisas são demonstradas pela trajetória de vida desses sujeitos. Os assentados do Projeto Casulo apresentam três perfis diferenciados. Existem aqueles que eram camponeses, e que formam, por algum motivo, forçados à deixarem sua terra, indo assim em direção ao campo em busca de trabalho. Alguns, também camponeses sem terra, se deslocaram em direção à cidade, e se proletarizaram. Outros, nunca possuíram uma unidade produtiva, eram proletários urbanos pauperizados e viram na terra uma possibilidade de viverem em condições melhores.

Alguns assentados do Casulo são camponeses que tiveram, por algum motivo, que abandonar suas unidades produtivas nas suas respectivas regiões de origem, e partiram em direção ao campo, trabalhando em atividades ligadas à terra, contudo não mais na sua própria. Vagando por várias fazendas, esses trabalhadores lutaram por sua sobrevivência realizando diversos trabalhos, se movimentando constantemente:

A gente morava nas fazendas. [...]. Nois já morou em tanta fazenda. [...] eu tava trabalhando com o pessoal do Bem-fica, na Fazenda do Português. [...] A última Fazenda que a gente morou foi em Cândido Sales.Oxe, desde lá de Mato Grosso pra cá até cá. [...]. Como eu desde pequeno trabalho com o trator agrícola, tive que rodar o mundo todo né [...]. Fico na fazenda de um, na fazenda de outro. Quem nem aqui mesmo, tem dia que eu fico 30 dias fora daqui. A cidade não interessa. É uma vida livre que nois tem (Depoimento de camponês residente no Assentamento do Projeto Casulo, Vitória da Conquista/BA).

A estrada foi a única saída posta para esses camponeses que, sendo expulsos de suas terras, se encontraram sem alternativa para viver. A chance de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

retornarem a se reproduzir com base no trabalho ligado a sua unidade produtiva foi o que motivou uma parte desses sujeitos a se assentarem.

Marques (2008), ao discutir sobre a atualidade do uso do conceito de camponês, aborda algumas questões importantes sobre a mobilidade do trabalho presente na trajetória da reprodução campesina. A mesma considera que as alterações ocorridas nas relações de produção no Brasil, sobretudo na década de 1960, não ocasionaram na simples expulsão dos camponeses do campo e sua inevitável proletarização. Segundo a autora, a realidade é extremamente complexa para ser analisada de maneira tão simplista. Muitos desses sujeitos se encontram desempregados, subempregados, realizam trabalhos no campo e na cidade. E não é só pelas formas de trabalho que esses sujeitos permanecem, de algum modo, ligados à terra. Trata-se de um conjunto de valores camponeses que permanecem, mesmo após a expropriação.

A permanência de um conjunto de valores que estão relacionados com a reprodução da vida na terra são evidenciados no território em estudo. Durante entrevistas realizadas com os camponeses assentados no Casulo que foram expropriados e se deslocaram, durante sua trajetória de vida, em direção à cidade em busca de trabalho, foi possível perceber que, mesmo na cidade trabalhando em diversas atividades, os mesmos não perderam seus vínculos com a terra:

Eu passei uma prova, que eu morava num cômodo desse tamanho aqui ó. De aluguel com 7 pessoas lá na cidade. [...]. Aqui no Aparecida. [...]. Trabalhava antes na pedreira. [...]. Ai vim pra cá, achei essa terra, [...] colocou essa terra, ai eu vim pra cá. Isso aqui era só mato, você só via mato. [...] Eu não tinha na época dinheiro pra mim fazer um barraco. Eu fui na lixeira apanhei uns papel, e fiz uma casinha no canto daquela roça lá. [...]. Eu sofri na vida pra chegar nesse ponto. A cidade era muito ruim. A cidade era ruim. Viver sem emprego lá, sem nada né. [...] não dá de eu sustentar minha família aqui não. Foi obrigado eu partir pra roça. [...]. Eu tinha uma rocinha era em Alagoinha (Depoimento de camponês residente no Assentamento do Projeto Casulo, Vitória da Conquista/BA).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

No Assentamento do Projeto Casulo, evidencia-se também um processo de recriação campesina. No referido assentamento existem sujeitos que nunca tiveram nenhum tipo de relação com a terra, mas viram na mesma a possibilidade de se reproduzirem de maneira mais digna. Devido ao agravamento do desemprego, muitos desses trabalhadores excluídos, ou condicionados a relações de trabalho degradantes, ingressam na luta pela terra, se tornando assim camponeses:

Eu tinha vontade de ter um pedaço de terra. [...] Quando eu casei, eu não tinha nada, eu tinha vontade de ter um pedaço de terra, eu enfrentei lixeira, [...] trabalhando na lixeira, eu tinha vontade de ter um pedacinho de terra. [...] Não sei o que era roça. Eu nunca sabia o que era roça (Depoimento de camponesa residente no Assentamento do Projeto Casulo, Vitória da Conquista/BA).

É importante observar que a condição de sujeito móvel é uma característica cada vez mais corrente na vida da classe campesina. Muitos dos camponeses do Assentamento do Projeto Casulo realizaram e ainda realizam intensas formas de mobilidade do trabalho, com o objetivo de permanecerem se reproduzindo na terra:

Eu não tenho lugar aprumado, quem é trabalhador que nem nós não tem lugar aprumado. Eu já trabalhava na Barra, trabalhei no Capinal. Era [...] num canto era no outro. Onde arrumava o serviço a gente ia. [...] (Depoimento de camponês residente no Assentamento do Projeto Casulo, Vitória da Conquista/BA).

Contudo, as formas de mobilidade do trabalho apresentadas por esses sujeitos não rompem com o vínculo que os mesmos possuem com a terra, nem os descaracteriza enquanto camponeses. É uma característica do camponês brasileiro manter vínculos com a terra, mesmo quando o mesmo é expropriado. Apesar



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

desses sujeitos se sujeitarem, ao longo da sua história, ao trabalho abstrato (ANTUNES, 2005) como estratégia para sua sobrevivência, a forma como esses camponeses se reproduzem na terra, bem como a luta que os mesmos realizam para permanecer na mesma, são aspectos centrais que definem esses sujeitos enquanto classe campesina.

A ligação com a terra está presente em toda a história de reprodução da vida dos camponeses assentados pelo Projeto Casulo. Os movimentos realizados pelos mesmos mostram como esses sujeitos têm lutado, ao longo de sua trajetória, pela possibilidade de viver de maneira digna em suas terras, e conseguir assim fugir da condição de somente sobreviver de forma pauperizada e degradante, condição esta que é relegada à maioria da sociedade que não constitui parte das classes hegemônicas.

CONCLUSÕES

O objetivo desse artigo foi analisar a relação que o campesinato possui com a terra, sendo, portanto necessário compreender a mesma dentro das dinâmicas sociais e históricas que definem o ser camponês.

A ligação que os camponeses possuem com a terra reflete as especificidades que esses sujeitos apresentam no seu modo de vida. A importância da família e do trabalho para os assentados se consolidam no papel que a terra exerce, tanto no aspecto moral como organizacional.

A mobilidade do trabalho do trabalho é uma dinâmica em crescente expansão. Os camponeses do Projeto Casulo, não só manifestam esse processo de mobilidade depois de residirem no assentamento, mas em toda a sua trajetória de vida. Alguns eram camponeses expropriados, que vagavam de propriedade em propriedade a procura de trabalho. Outros, também camponeses expropriados, foram em direção à periferia urbana, em busca de condições para sobreviver. Mas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

existem no assentamento, aqueles que desempregados urbanos, proletários precarizados que viram na terra, uma nova possibilidade de vida. Ocorre no assentamento um processo de recriação camponesa, sendo expresso pela transformação desses proletários urbanos em camponeses.

Apesar de muitos camponeses serem expropriados em determinados períodos de sua história, os mesmos não rompem totalmente os vínculos com seus territórios de reprodução da vida. A relação que esses sujeitos possuem com a terra é tão enraizada que leva muitos camponeses sem terra a buscarem novas estratégias que permitam a volta para o campo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua Concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BOMBARDI, Larissa Mies. O papel da geografia agrária no debate teórico sobre os conceitos de camponato e agricultura familiar. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 14, pp. 107-117, 2003.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. Revista Nera, Presidente Prudente, n. 12, p. 57 – 67, jan./jun., 2008.
- _____. **Entre o campo e a cidade**: formação e reprodução da classe trabalhadora brasileira. *Revista AGRÁRIA*, São Paulo, n.5, p. 170-185, 2006.
- MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência. A questão Política no campo**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- _____. **Os Camponeses e a política no Brasil**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- _____. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: Labor Edições, 2007.
- _____. **Agricultura camponesa no Brasil**. 4ª ed. – São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. **A Geografia das lutas no campo**. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- _____. O campo brasileiro no final dos anos 80. **In: A questão agrária hoje** (Org.) Stédile, João Pedro. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

SANTOS, Jânio Roberto Diniz dos. **A territorialização dos conflitos e das contradições:** o capital versus trabalho nos laranjais baianos e sergipanos. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP, São Paulo, 2009.

SHANIN, Teodor. **A definição de camponês: conceituações e desconceituações, o velho e o novo em uma discussão marxista.** Revista NERA, Presidente Prudente, n. 7, p. 1 – 21, jul./dez., 2005.

SILVA, Gedeval Paiva; SOUZA, Suzane Tosta. **Novos territórios, velhas contradições:** a ação do Estado e a questão agrária. A luta pela terra no acampamento Ojefersson Anagé- Bahia. 2008.

SOUZA, Suzane Tosta. **Da Negação ao discurso “hegemônico” do capital à atualidade da luta de classes no campo brasileiro. Camponeses em luta pelo/no território no sudoeste da Bahia.** Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Sergipe, 2008. São Cristóvão: UFS\NPGeo, 2008.